



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INTERFACE TEÓRICO-PRÁTICA  
PARA O ENSINO DA LÍNGUA E LINGUÍSTICA

ALCIONE VIEIRA DA SILVA

DISTÚRBIOS FONOLÓGICOS E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA  
PORTUGUESA: UM ESTUDO DE CASO.

Guarabira – PB  
2014

ALCIONE VIEIRA DA SILVA

DISTÚRBIOS FONOLÓGICOS E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA  
PORTUGUESA: UM ESTUDO DE CASO.

Monografia apresentada, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de especialista em interface teórico-prática para o ensino de Língua e Linguística, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, no Departamento de Letras.

Orientadora: Marta Furtada da Costa

Guarabira – PB  
2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S586d Silva, Alcione Vieira da

Distúrbios fonológicos e aprendizagem da língua portuguesa: um estudo de caso / Alcione Vieira da Silva. – Guarabira: UEPB, 2014.

46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Interface Teórico-Prática para o Ensino de Língua e Linguística) - Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação “Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta Furtado da Costa”.

1. Distúrbio fonológico. 2. Dislexia 3. Língua portuguesa. I. Título.

22. ed. CDD 371.914 4

DISTÚRBIOS FONOLÓGICOS E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA  
PORTUGUESA: UM ESTUDO DE CASO.

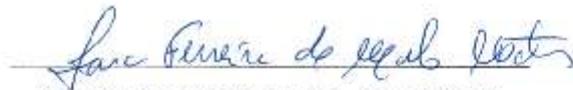
Monografia apresentada, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de especialista em interface teórico-prática para o ensino de Língua e Linguística, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, no Departamento de Letras.

Aprovada em 21 de 03 de 2014

COMISSÃO EXAMINADORA



(Prof.ª Dr.ª Maria Furtado da Costa - Orientador)



(Lara Ferreira de Melo Martins - 1º examinador)



(Maria de Fátima de Souza Aquino - 2º examinador)

Guarabira – PB  
2014

Dedico este trabalho a todos que, de maneira direta e indireta, contribuíram para que o mesmo pudesse ser feito e especialmente para minha filha Ashley Samara, que tem sido o motivo de toda minha dedicação.

**Obrigado Jesus!!!  
Só por ti, cheguei aqui!**

“A qualidade do mel  
não depende da abelha que o produz,  
mas das flores de onde saiu.”

Emily Dickinson.

“Tenso,  
Rogo e insisto;  
Se só penso  
Não existo!”

J. E. Bologna

## SÚMARIO

RESUMO-----	9
INTRODUÇÃO -----	10
1- APORTE TEÓRICO-----	12
1.1 CONCEITUANDO FONÉTICA E FONOLOGIA-----	12
1.2. O APARELHO FONADOR E A PRODUÇÃO DA VOZ-----	14
1.3. IDENTIFICANDO OS DISTÚRBIOS FONOLÓGICOS-----	18
1.4. DISFONIA-----	19
1.5. DISLALIA-----	21
1.6. DISLEXIA-----	24
1.7. AFASIA-----	26
1.8. A GAGUEIRA-----	27
2. METODOLOGIA E ANÁLISE-----	29
2.1 PROBLEMÁTICA-----	29
2.2. QUESTIONÁRIOS-----	30
2.3. DISTÚRBIOS FONOLÓGICOS E APRENDIZAGEM.-----	33
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	35
4. REFERÊNCIAS -----	37
5. ANEXOS-----	39

## RESUMO

O presente trabalho descreve a aquisição da linguagem oral e escrita por parte das crianças, relatando os distúrbios e causas, abordando quais interferências os mesmos podem acarretar no decorrer desse processo. Tem como objetivo refletir sobre os distúrbios que acometem a fala, assim como as possíveis influências ou interferências que os mesmos podem ocasionar na aprendizagem da língua portuguesa por parte dos indivíduos na fase de aquisição da linguagem. Para isso mostramos um estudo do caso de uma criança em fase de aquisição da fala e nos primeiros anos escolares, a partir de diário de observação de sua mãe e resposta de questões apresentadas às suas professoras.

Nosso texto apresenta afirmações sobre distúrbios fonológicos de alguns autores, também como se dá a aquisição da linguagem e seus distúrbios com suas causas e definições. citamos: Fucci Amato (2010), Behlau & Pontes (1995), Chang (2011), entre outros.

**Palavras-chave:** distúrbios, linguagem, aprendizagem, fala.

## ABSTRACT

This paper describes the acquisition of oral and written language by children, reporting disturbances and their causes, addressing which they may cause interference in that process. Aims to reflect on disorders that affect speech, as well as the possible influence or interference that can cause them in learning the Portuguese language by individuals in the process of language acquisition. To show that a study of the case of a child under speech acquisition and early school years, from daily observation of his mother and answer questions submitted to their teachers.

Our paper presents statements about phonological disorders of some authors, also how is the acquisition of language and its disorders with their causes and definitions. Quote: Fucci Amato (2010), Behlau & Pontes (1996), Chang (2011), among others.

Keywords: disorders, language, learning, speech.

## INTRODUÇÃO

Nos anos iniciais da fase escolar é muito comum termos conhecimento de casos de crianças que apresentam alguns distúrbios fonológicos, esse distúrbio muitas vezes trata-se de processos de aquisição da fala gerados por dificuldades na produção de determinados fonemas, o que leva o falante a fazer adaptações para superar tais dificuldades, esses processos, quando funcionais, podem ser caracterizado por troca, substituição ou omissão de letras e tendem a ser superados no decorrer da apropriação linguística do falante. Esses problemas são geralmente temporários, de fácil tratamento e podem ser considerados normais desde que não ultrapasse os quatro anos de idade, nesse caso, deve-se procurar ajuda especializada.

Nosso trabalho apresenta o caso de uma criança que desde as primeiras palavras apresentou dificuldade de articular alguns sons, com o intuito melhor compreender o distúrbio apresentado pela criança que atualmente estuda o terceiro ano do fundamental menor, fizemos um questionário a três professores dela do 1º, 2º e 3º anos, assim como o diagnóstico de especialista e relato materno. O último feito a partir de um diário de observação feito pela mãe da aluna sobre suas observações e ações referentes ao distúrbio apresentado pela filha.

Considerando a nossa experiência de atuação nas séries iniciais do ensino fundamental, uma constante inquietação emerge da nossa prática e das discussões acadêmicas. O contato constante com crianças apresentando distúrbios fonológicos na fase de aquisição da fala, nos fez refletir e desejar estudar com maior aprofundamento tal questão.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os distúrbios que acometem a fala, assim como as possíveis influências ou interferências que os mesmos podem ocasionar na aprendizagem da língua portuguesa por parte dos indivíduos na fase de aquisição da linguagem.

Para tanto, dividimos este estudo em dois capítulos; no primeiro capítulo apresentamos definição e distinção entre fonética e fonologia, apresentando escopo dos referidos campos da linguística, as principais características e funções da fala humana: como é produzida, como é emitida, como é propagada e como é recebida e quais os órgãos responsáveis por cada um dos processos na produção da voz. Abordamos alguns distúrbios fonológicos, com suas características, tratamento e possíveis interferências no processo de aquisição de língua materna.

No segundo capítulo apresentamos o aporte teórico, metodologia e análise do caso apresentado, introduzindo algumas dificuldades que os distúrbios fonológicos podem ocasionar aos falantes no processo de aquisição da linguagem. Neste mesmo capítulo é apresentado o problema da criança do caso apresentado, o diagnóstico, análise das respostas do questionário feito aos professores e do relato da mãe da criança.

Nosso trabalho é de suma importância, uma vez que traz subsídios para estudiosos que buscam aprofundar seus conhecimentos acerca da temática. Mostraremos as disciplinas que tem como objeto de estudo os sons da fala e seu uso na interação em comunidade, como o corpo humano articula os sons fala, quais órgãos são usados nesse processo e que fatores influenciam no resultado.

## **1- APORTE TEÓRICO**

### **1.1 CONCEITUANDO FONÉTICA E FONOLOGIA**

Linguística é a ciência que estuda a linguagem como fenômenos naturais, ela explora o universo da comunicação e suas transformações para identificar os fenômenos que ocorrem através dos tempos. Numerosos trabalhos e descobertas sobre esta área tem se expandido, com o intuito de explicar mais claramente esses fenômenos linguísticos.

A Linguística divide-se em alguns ramos de estudo: Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica, Lexicologia, Terminologia, Estilística, Pragmática e Filologia.

Neste trabalho, daremos maior atenção à Fonética e à Fonologia, assim como seus respectivos objetos de ensino, pois essas disciplinas trouxeram significativas contribuições para os estudos acerca dos distúrbios fonológicos e suas implicações no processo de aquisição de língua portuguesa como língua materna.

A Fonética e a Fonologia são interdependentes, uma vez que, o conteúdo fonético é imprescindível para qualquer estudo de natureza fonológica. A primeira trata da substância da expressão, enquanto a segunda trata da forma da expressão, constituindo, as duas ciências, dentro de um mesmo plano de expressão. Assim, podemos afirmar que as duas disciplinas não são dicotômicas. A Fonética se diferencia da Fonologia por considerar os sons independentes das oposições paradigmáticas e combinações sintagmáticas. Enquanto cabe a fonologia estudar as diferenças fônicas intencionais, distintivas, isto é, que se unem a diferenças de significação; estabelecer a relação entre os elementos de diferenciação e quais as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases.

Fonética estuda os sons da fala independentemente da função que elas possam desempenhar numa língua, enquanto a fonologia estuda os fones segundo a função que eles cumprem numa língua, as diferenças de significado e sua relação significativa para formar sílabas, morfemas e palavras.

O estudo dos fones em seus aspectos físicos, articulatórios e auditivos corresponde à Fonética.

A Fonética é classificada basicamente em três domínios:

- A) Fonética articulatória - estuda e classifica os sons a partir do ponto fisiológico.
- B) Fonética acústica - estuda como os sons da fala chegam ao aparelho auditivo, levando em conta suas propriedades físicas.
- C) Fonética auditiva - estuda como o aparelho auditivo percebe e distingue os sons.

A fonética é uma ciência histórica que analisa acontecimentos, transformações no tempo. Enquanto a fonologia é atemporal, uma vez que o mecanismo da articulação permanece estável de acordo com a estrutura da língua. A fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas (aparelho fonador). Cabe a ela descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades acústicas e perceptivas. Ela fundamenta-se em estudar os sons da voz humana, examinando suas propriedades físicas independentemente do seu “papel linguístico de construir as formas da língua”.

A Fonologia estuda os sons de forma sistemática enquanto a fonética estuda como os sons são produzidos, propagados, percebidos e quais aspectos estão envolvidos nessa produção. É sua tarefa o estudo dos fonemas como unidades discretas, distintivas e funcionais.

O estudo da Fonologia é importante para o estudo das desordens fônicas, no auxílio da aprendizagem de uma língua estrangeira e para ajudar profissionais que trabalham com patologias que acometem a fala.

## 1.2. O APARELHO FONADOR E A PRODUÇÃO DA VOZ

O ser humano não possui um sistema cuja função essencial seja a produção dos sons da fala, ele utiliza órgãos com outras funções primárias para essa produção. O organismo humano utiliza órgãos diferentes, com distintas funções primárias, para a produção da fala. A língua, receptor gustativo e sensorial, move-se, moldando-se e articulando-se com outros órgãos para a articulação dos sons da fala. Os lábios moldam-se em diferentes formas e movimentos para criar sons variados. Os dentes, utilizados para processar os alimentos, também podem ser usados pra moldar os sons, juntamente com os lábios e a língua. A úvula, usada para impedir que a comida ingerida entre na cavidade nasal, é usada para formar os sons guturais. Ela também ajuda na distinção das consonantes orais e nasais. A glote controla saída e entrada de ar para os brônquios e pulmões, sendo responsável também pela vibração feita pelas cordas vocais, com o objetivo de criar diferentes sons. Dessa forma, a partir da apropriação dos órgãos do sistema respiratório e digestório, que o homem atua na produção dos sons da fala.

De acordo com Bela & Pontes (1995), a voz é uma das extensões mais fortes de nossa personalidade, o nosso sentido de inter-relação na comunicação interpessoal, um meio essencial de atingir o outro. A sua produção depende, fundamentalmente, da atividade dos músculos e dos tecidos do aparelho fonador.

Fucci Amato (2010) acrescenta que o corpo todo trabalha para podermos falar de forma fluente, daí a importância de mantê-lo saudável, pois é a base para termos uma boa saúde vocal. Ainda de acordo com a autora:

A voz é meio de comunicação social e expressão artística, a voz falada dimensiona-se como principal instrumento de comunicação cotidiana utilizado pela maioria das pessoas. Menos formal que a escrita e de transmissão mais fácil e dinâmica que esta, a fala é ferramenta para se estabelecerem relações sociais e comunicação, desde o âmbito da economia ao da educação e da política. Relações familiares e comerciais, disputas políticas jurídicas, processos educacionais, tudo isso é permeado pela produção vocal falada. (FUCCI AMATO, 2010, p.2)

Nós e nossa voz somos resultado de fatores sociais e emocionais- Ela carrega traços de nossa personalidade e de nossa vida emocional e vista como forma de identificação única e inconfundível, pois nela estão inseridas características próprias de cada indivíduo. A maneira que um indivíduo fala revela boa parte de suas intenções, o que pensa sobre o outro e suas mensagens implícitas. A voz expressa saúde, cultura, regionalidade e até mesmo a autoestima do falante. É possível identificar o estado emocional do indivíduo através da voz.

Para Fucci Amato (2010), a voz é o instrumento de trabalho mais difundido em nossos tempos. Ela tem por base um substrato inato, ou seja, nascemos com as pregas vocais e parte de nossas características vocais é condicionada biologicamente. A voz de cada um é resultado de um complexo de fatores de uma história social, psicológica e fisiológica, próprias de cada indivíduo.

Nosso meio social, nossa vida escolar, nossa profissão, as pessoas com quem convivemos, tudo isso também define um tipo de comportamento vocal, pelo qual podemos ser identificados pelas outras pessoas. Assim como o vocabulário que usamos e as ideias que manifestamos, nossa voz nos insere em uma densa rede de configurações sociais, econômicas e culturais. (FUCCI AMATO, 2010, p.118)

Isso implica dizer que nossa fala está condicionada por uma gama de fatores sociais que vão influenciar na forma de expressão em comunidade, as situações de comunicação interferem diretamente na forma como o indivíduo fala, o ambiente interfere no volume no tom e no volume da voz. Dessa forma o ser humano tende a adaptar sua voz aos ambientes comunicativos.

Segundo Gnerre (2003, p.5-6) a linguagem não é usada somente para veicular informação, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes para serem respeitadas e também para exercer influência no ambiente em que realizam os seus atos linguísticos. O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentra-la num ato linguístico. Os casos mais evidentes em relação a tal afirmação são também os mais extremos: discurso político, sermão de igreja, aula, etc.

Behlau & Pontes (1996) acrescentam, que.

[...] cada indivíduo carrega sua história pessoal em todas as suas manifestações na voz, na maneira de falar, na postura e nos gestos. De modo geral, o estado corporal é fruto das pressões externas (meio ambiente) e das pressões internas (vontade), que, entrando em choque, provocam conflitos que se traduzem em contrações musculares, alterando a forma do corpo. (BEHLAU & PONTES, 1996, p.124)

A fala é um acontecimento complexo, porque envolve não apenas o organismo, mas também o psiquismo e as relações com a sociedade, quando falamos para alguém ou com algum objetivo.

Fucci Amato (2010) descreve a produção da voz da seguinte forma: Na laringe, estão as pregas vocais, dois músculos que ficam na posição horizontal, lado a lado. Quando elas vibram, produzem um som básico (Luz laríngea), esse som produzido pelas pregas vocais passa da laringe à faringe e chega a outras cavidades de ressonância, como a boca, o nariz e os seios paranasais. Nessas cavidades, o som é ampliado e assim chega àquela qualidade que percebemos como sendo a voz. Na boca existe a úvula, em forma de U, que é um apêndice do véu palatino que recobre o céu da boca. A úvula ajuda a diminuir a passagem da vibração das pregas para o nariz, fazendo o som sair mais pela boca e diminuindo, assim, a nasalidade de nossa voz.

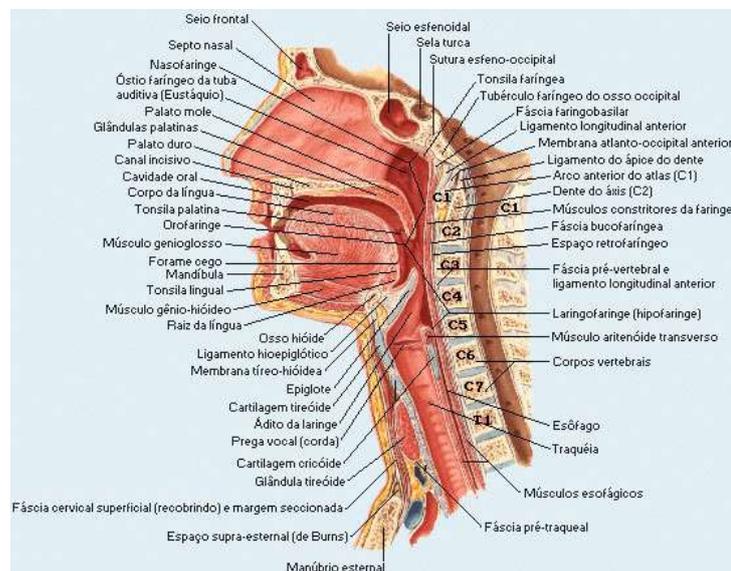


Figura 1 - Aparelho fonador<sup>1</sup>

A produção da voz começa com a respiração, quando respiramos as pregas vocais se afastam para entrar ar para os pulmões, o diafragma abaixa, aumentando o volume do ar nos pulmões, a musculatura da caixa torácica relaxa com a expiração, o ar é expulso e passa pelo estreitamento criado pelas cordas vocais o que faz as cordas vocais vibrarem, produzindo as ondas sonoras. As cavidades de ressonância, formadas pelo trato vocal, nariz, seios paranasais e cavidade oral, amplifica e modifica o som produzido ao articular na boca através do lábio, língua e palato, formando assim as palavras.

<sup>1</sup> Disponível em <<http://www.infoescola.com/anatomia-humana/faringe/>>. Acessado em 03 de Abril de 2014.

### 1.3. IDENTIFICANDO OS DISTÚRBIOS FONOLÓGICOS

A voz é uma característica de nossa personalidade é uma essencial ferramenta de comunicação em uma relação interpessoal, a mesma para acontecer depende das atividades de todos os músculos usados na produção da voz, assim como necessita que todos os tecidos do aparelho fonador estejam íntegros. Quando essa produção ocorre de forma harmoniosa dizemos que o som obtido foi de boa qualidade, ou eufônico, quando o contrário acontece o som obtido chamamos disfônico.

Estudos mostram que a disфония acarreta a modificação vocal do paciente. Sua voz fica descaracterizada, ou seja, perde as características do indivíduo o que torna de suma importância o estudo, diagnóstico e tratamento de qualquer caso de disфония. Portanto é muito importante avaliar as condições emocionais do paciente uma vez que voz transmite emoção – é a emoção sonorizada.

As alterações psicoemocionais são responsáveis pelo aparecimento de um contingente bastante grande de disfonias. É uma observação simples, comprovamos a influencia de nossas emoções em nossa voz, embora o processo de interferência seja bastante complexo. Da mesma forma, é fácil compreendermos a participação dos fatores psicoemocionais na produção de uma disфония, quando lembramos que a voz é o principal meio de comunicação interpessoal em todas as sociedades e um desvio nesse processo repercute na estrutura psicológica e vice-versa. (BEHLAU & PONTES, 1996, p.124)

Essa dificuldade pode ser considerada normal desde que não ultrapasse os quatro anos de idade, se isso ocorrer deve-se procurar ajuda especializada.

A seguir apresentamos alguns distúrbios fonológicos e possíveis interferências que possam acarretar no processo de aprendizagem.

## 1.4. DISFONIA

As disfonias são alterações na produção e omissão da voz que podem ser ocasionadas por distúrbios orgânicos ou funcionais das cordas vocais, respiração incorreta, desarmonia ou incoordenação dos músculos respiratórios, laríngeos e das cavidades de ressonância, principalmente geradas pelo abuso vocal ou uso incorreto da voz, inadaptação vocal, alterações psicoemocionais ou também por falta de higiene vocal. Apesar de acometer a fala não estão incluídas nos transtornos de linguagem, ou seja, não são estudados como distúrbios que possam interferir na linguagem do indivíduo, uma vez que geralmente são problemas temporários e de fácil tratamento.

De acordo com Behlau & Pontes (1996, p.19)

entende-se a disfonia como um distúrbio de comunicação, no qual a voz não consegue cumprir o seu papel básico de transmissão da mensagem verbal e emocional de um indivíduo. Uma disfonia representa qualquer dificuldade da emissão vocal que impeça a produção natural [Isto é, normal] da voz; essa dificuldade pode se manifestar através de uma série ilimitada de alterações, como: esforço à emissão, dificuldade em manter a voz, cansaço ao falar, variações na frequência fundamental habitual, rouquidão, falta de volume e projeção, perda da eficácia vocal, pouca resistência ao falar, entre outras.

As disfonias classificam-se em duas: 1ª) Disfonias Funcionais, que se referem a alterações da voz resultantes de abuso ou mau uso vocal que não apresentam qualquer causa físico ou estrutural e 2ª) Disfonias Orgânicas, que são alterações da voz causadas ou relacionadas com algum tipo de condição laríngea ou com doença viral, genética ou hereditária.

As causas de alterações vocais podem ser diversas: mau uso, abuso e desuso da voz; alterações endócrinas, alergias, ambientes de grande poluição sonora ou química, tumores ou trauma da laringe, doença crônica familiar, disfonias audiógenas, disfonia de proteção e de refúgio, intencionais, artísticas, alterações vocais psíquicas ou neurológicas.

Outros fatores podem interferir na qualidade de sua saúde vocal, sobrecargas ambientais, pessoais e sociais. Encontramo-nos diariamente expostos não só a poluições atmosféricas, que ocasionam problemas respiratórios e diversas alergias, como também a problemas pessoais, sociais, econômicos, entre outros. Entre os fatores profissionais está o estresse que causa insônias, tensões musculares, problemas na respiração, rigidez mandibular, irritabilidade, insegurança e baixa autoestima.

Segundo Behlau & Pontes (1996) há quadros típicos de disfonias psicogênicas que podem ser classificados didaticamente em cinco tipos: afonia de conversão, uso divergente de registros, falsete de conversão, sonoridade intermitente e espasmos de abdução intermitentes.

Alguns distúrbios são consequências de anomalias das cartilagens da laringe, as quais são confundidas com distúrbios de alteração funcional, o que na maioria dos casos ocasiona um diagnóstico errôneo, da mesma forma como seu tratamento. Essas anomalias são chamadas de congênitas, pois indica que o indivíduo já nasce com ela.

Mara Behlau (2005) apresenta as disfonias congênitas em seis grupos.

- 1- Anomalias do suporte cartilágneo laríngeo.
- 2- Anomalias dos tecidos moles.
- 3- Anomalias vasculares da laringe.
- 4- Disfonias neurológicas congênitas e perinatais.
- 5- Alterações congênitas extras laríngeas.
- 6- Alterações sindrômicas que comprometem os órgãos da fala.

## 1.5. DISLALIA

A dislalia é um distúrbio fonológico caracterizado pela omissão, substituição ou troca de letras pelo locutor em sua fala, trata-se de problema articulatorio, podendo ter diversas causas, como: alteração ou má formação do órgão fonador ou auditivo, distúrbios do sistema nervoso central, hereditariedade, imitação e até mesmo alterações emocionais, caracteriza-se pela dificuldade em articular as palavras, o que faz com que o portador de dislalia troque a palavras na pronúncia, fala de forma errônea as palavras, omite ou troque letras.

Devido à dislalia ocorre à omissão, ato em que se deixa de pronunciar algum fonema da palavra, ma'a'o, ao invés de macaco, transposições na ordem de apresentação dos fonemas (dizer mánica em vez de máquina, por exemplo) e, por fim, acréscimo de sons (exemplo), troca de algum fonema (como por exemplo, "t" por "d", "f" por "v", "p" por "b", "q" por "g". Muitas destas crianças, principalmente se estão em fase de alfabetização, apresentam também trocas na escrita.

A dislalia é dividida em quatro tipos:

- **Dislalia evolutiva:** é corrigida gradativamente durante o desenvolvimento da criança, é considerada normal na infância.
- **Dislalia funcional:** substituição de letras durante a fala, não pronunciar o som, acrescenta letras na palavra ou distorce o som.
- **Dislalia audiógena:** por ser deficiente auditivo, o indivíduo não consegue emitir sons.
- **Dislalia orgânica:** ocorre em casos de lesão no encéfalo ou alguma alteração na boca, o que dificulta a pronúncia correta do som.

Apesar de a caracterização ser clara, a dislalia por vezes é confundida com outros processos de aquisição da linguagem. Os processos fonológicos são operações mentais que se aplicam à fala para substituir, no lugar de uma classe de sons ou de uma sequência de sons quando um indivíduo apresenta uma dificuldade específica de fala, esses processos não são aleatórios, mas apresentam certa regularidade. Vejamos a seguir alguns tipos de processo de aquisição da fala. Tais processos podem acontecer por estruturação silábica ou por substituição. Dentre os processos de que ocorre por estruturação silábica, podemos enumerar: 1) a redução de encontro consonantal, que se trata da redução de um encontro consonantal dentro da mesma sílaba através do apagamento de uma das consoantes. Como nas palavras cobra [«kø.ba] - [br] > [b] e fruta [«fu.ta] - [fr] > [f]. 2) o apagamento de sílaba átona, quando acontece o apagamento de sílaba não acentuada, como nas palavras bicicleta [bi. «k□.ta]

(apagamento de sílaba pretônica) - [si] > Ø e fósforo [«føs.u] (apagamento de sílaba pós-tônica) - [fo] > Ø. 3) o apagamento da fricativa final, representada pelo apagamento do /s/ no final de sílaba, como nas palavras estrela [i. «te.la] - [s] > Ø e floresta [fo. «r□.ta] - [s] > Ø. 4) o apagamento da consoante líquida final ou lateral (/l/, /ʎ/) ou não lateral (/r/) , em posição final de sílaba , como nas palavras martelo [ma.«t□.lu] - [r] > Ø e porta [pø«ta] - [r] > Ø. 5) o apagamento da consoante líquida intervocálica, lateral ou não lateral, como nas palavras borboleta [bo.«e.ta] - [l] > Ø e velinha [v□.«i.ua] - [l] > Ø. 6) o apagamento da consoante líquida inicial , a exemplo de rabo [«a.bu] - [r] > Ø e livro [«i.vu] - [r] > Ø. 7) a metátese, que significa a reordenação dos sons dentro da mesma palavra. Ou seja, o fonema muda de lugar dentro da palavra, como nas palavras trator [tay. «toy] - [tra] > [tar] / [r] > [y] e placa [«pay.ka] - [pla] > [pal] / [l] > [y]. 8) a epêntese é a inserção de uma vogal entre duas consoantes, como em brabo [ba. «ra.bu] - [bra] > [ba.ra] e gruda [gu. «ru.da] - [gru] > [gu.ru].

Dentre os processos por substituição, podemos enumerar: 1) a sonorização da obstruente, que significa a produção das consoantes plosivas, fricativas ou africadas sonoras como surdas, a exemplo de zebra [«se.pa] - [z] > [s] / [b] > [p] e gato [«ka.tu] - [g] > [k]. 2) a anteriorização, representada pela substituição de uma consoante palatal ou velar por uma alveolar ou labial, a exemplo de cachorro [ka.«so.Ru] - [S] > [s] e chinelo [si.«n□.lu] - [S] > [s]. 3) a substituição da consoante líquida, lateral ou não lateral, por outra líquida, a exemplo de armário [a.«ma.lyu] - [r] > [l] e dirigindo \_ [dZi.li.«\_in.du] - [r] > [l]. 4) semivocalização de uma consoante líquida por uma semivogal, a exemplo de comer [ko.«mey] - [r] > [y] e pular \_ [pu.«lay] - [r] > [y]. 5) a plosivização, que trata da substituição de uma consoante fricativa ou uma africada por uma consoante plosiva, tais como vaca \_ [«ba.ka] - [v] > [b] e saia \_ [«taya] - [s] > [t]. 6) a posteriorização, que trata da substituição de uma consoante labiodental, dental ou alveolar por uma palato-alveolar ou velar, como nas palavras sol [«Søw] - [s] > [S] e tesoura \_ [tSi.«Zo.ra] - [z] > [Z]. 7) a assimilação, que é a substituição de um som por influência de outro, a fim de torná-lo igual ou parecido consigo, a exemplo de girafa \_ [vi.«ra.fa] - [Z] > [v] e corneta \_ [to.«ne.ta] - [k] > [t]. 8) a sonorização pré-vocálica, ou seja, a realização das consoantes plosivas, fricativas ou africadas surdas como sonoras antes de um som vocálico, a exemplo de confusão > [gõn.vu.«zãw] - [k] > [g] / [f] > [v] e tesoura \_ [dZi.«zo.ra] - [tS] > [dZ].

Esses processos fonológicos são *inatos*, *naturais* e *universais*. Isso significa dizer que todos os seres humanos enfrentaram tais dificuldades e limitações em algum momento durante os primeiros anos de sua aquisição da linguagem. Elas resultam das dificuldades de

articulação e percepção do ser humano. Essas dificuldades podem ser superadas pela criança à medida que ela vai se aprimorando da linguagem. Esses processos são operações mentais e motivadas por diversos fatores, mas principalmente características físicas da fala.

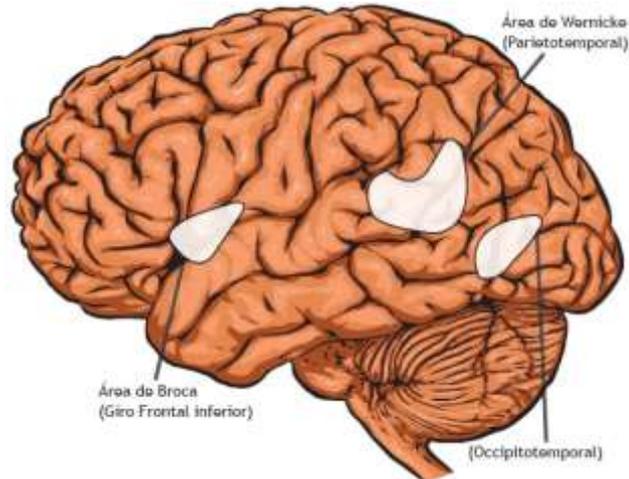
## 1.6. DISLEXIA

Apesar de ser um distúrbio que se apresenta em outras atividades cognitivas, a dislexia também pode ser responsável por distúrbios fonológicos. É uma dificuldade primária da aprendizagem que abrange: leitura, escrita e soletração ou uma combinação dessas dificuldades. Embora haja casos em adultos, dislexia é mais comum em crianças, geralmente é ocasionada por fatores genéticos, ou seja, a criança pode ter algum parente disléxico. Ao contrário do que muitos pensam, as crianças disléxicas não são menos inteligentes, pois muitas delas apresentam um grau de inteligência normal ou até superior ao da maioria da população.

É possível identificar se uma criança apresenta dislexia ainda na pré-escola. Pela observação de alguns sinais que podem nos revelar uma pré-dislexia: aquisição tardia da fala, pronúncia constantemente errada de algumas palavras, dificuldade em aprender cores, números, copiar seu próprio nome, aprender formas geométricas, dificuldades em recortar, dar laços, desenhar, distúrbio do sono, dificuldade em entender o que está ouvindo, etc. Portanto é exatamente nesta fase que o diagnóstico faz-se importante para determinação do tratamento.

Boder (1973) costuma dividir dislexia em três subtipos:

- a) Dislexia Disfonética ou Fonológica - dificuldades na linguagem oral de palavras pouco familiares e dificuldades na conversão grafema/fonema. Relacionada ao comprometimento principalmente do lobo temporal;
- b) Dislexia Diseidética - problemas de ordem (processamento) visual e relacionada ao comprometimento do lobo occipital;
- c) Dislexia Mista - dificuldades tanto de ordem auditiva quanto visual e envolve regiões do lobo pré-frontal, frontal, occipital e temporal.



Conforme Shaywitz (2003) os leitores proficientes ativam sistemas neurais altamente interconectados e envolvem regiões das áreas posterior e anterior do hemisfério esquerdo do cérebro. Inicialmente, o circuito inclui regiões responsáveis pelo processamento visual dos grafemas (letras) e suas características gerais (linhas, curvas, formatos) (Occipitotemporal), depois a conversão dos grafemas em fonemas (sons correspondentes) e compreensão das palavras (Área de Wernicke) e, em seguida, a articulação das palavras na área motora da fala (Área de Broca).

De acordo com Capovilla (2002), dentre os aspectos neurológicos envolvidos, estudos têm demonstrado alguns padrões de alteração cerebral, dentre eles na região perissilviana do hemisfério esquerdo e na assimetria do plano temporal esquerdo (na área de Wernicke - relacionada ao processamento fonológico, compreensão da fala e da escrita).

Estudos indicam que pessoas com dislexia podem apresentar o lado direito do cérebro maior. Desta forma, indivíduos disléxicos podem ter suas habilidades que envolvam criatividade mais apuradas, em comparação à pessoas sem este diagnóstico, o que explica a ocorrência de casos entre famosos como Charles Darwin, Leonardo Da Vinci, Tom Cruise e Walt Disney.

## **1.7. AFASIA**

As afasias compreendem os transtornos de linguagem causados por uma lesão cerebral, ocorrida após a aquisição total da linguagem ou durante seu processo. Existem diferentes tipos de afasias, porém elas são definidas de acordo com o local lesionado. Independente do local da lesão, a afasia é vista como um transtorno de linguagem no qual existe uma perda parcial ou total da capacidade de expressão dos pensamentos por sinais e da compreensão dos mesmos. Assim, entende-se que a afasia é a incapacidade de compreender a palavra falada, leitura e escrita, embora essas últimas se apresentem em graus variáveis.

## 1.8. A GAGUEIRA

De acordo com o IBf (Instituto Brasileiro de Fluência) a gagueira é uma interrupção na fluência verbal caracterizada por repetições ou prolongamentos, audíveis ou não, de sons e sílabas. E ainda a gagueira é um sintoma, não uma doença; embora o termo gagueira normalmente seja usado para se referir a ambos, desordem e sintoma.

É de extrema importância fazer a distinção entre gagueira do desenvolvimento persistente (PDS, acrônimo do inglês *persistent developmental stuttering*), e a gagueira adquirida (também chamada de gagueira neurogênica) que ocorre após um dano cerebral bem definido, ocasionado por um traumatismo craniano, um derrame ou uma hemorragia intracerebral.

O distúrbio geralmente se manifesta no momento em que elas começam a construir frases simples. Além de exibir os bem conhecidos sintomas de fala que a gagueira provoca – repetições, bloqueios e prolongamentos, que ocorrem principalmente nos sons ou sílabas iniciais das palavras e frases –, as crianças que gaguejam também podem experimentar sintomas físicos, tais como movimentos involuntários dos olhos (nistagmo), contrações musculares súbitas nas pálpebras (blefarospasmo), na face e no pescoço, além de movimentos associados de braços e pernas que podem distrair o ouvinte e atrapalhar a comunicação. (CHANG, 2011, p.1)

A gagueira leva a consequências socioeconômicas devastadoras uma vez que prejudica severamente a capacidade de o indivíduo se comunicar. A suspeita de que a gagueira se concentra em determinadas famílias e provavelmente possui uma base genética. A presença de diversos membros afetados na mesma família sugere a existência de um componente hereditário.

Segundo Chang (2011), muitas pessoas que gaguejam relatam que sua gagueira desaparece completamente em certas situações, como: falar com crianças ou com um animal, cantar, falar em coro com outras pessoas ou até mesmo falar de uma forma encenada (usando um sotaque ou representando um personagem no palco, por exemplo). Falar sob estímulo de *feedback* auditivo atrasado (a pessoa se ouve com um atraso de milissegundos) ou *feedback* auditivo com alteração de frequência (a pessoa se ouve com voz mais grave ou mais aguda) também pode induzir fluência em muitas pessoas que gaguejam.

De acordo com alguns estudos, pessoas que gaguejam apresentam maior volume e atividade no hemisfério direito do

cérebro, talvez como uma reação compensatória aos déficits de conectividade presentes no hemisfério esquerdo. Adultos fluentes, ao contrário, têm um córtex auditivo esquerdo mais volumoso que o direito. Além disso, entre os adultos que gaguejam, aqueles que possuem maior assimetria para a direita no volume do cérebro em uma região específica de associação auditiva (o *planum temporale*) tendem a apresentar maior gravidade na gagueira, mas, por outro lado, tendem também a experimentar maior benefício no uso de dispositivos de feedback auditivo atrasado durante a produção de fala. (CHANG, 2011,p 3 )

Isso significa dizer que, segundo o autor, o córtex auditivo, que abriga a representação auditiva dos sons da fala, está conectado às áreas de planejamento e execução dos movimentos da fala. Esta conexão se dá através de uma via dorsal que os pesquisadores afirmam ser muito mais desenvolvida no hemisfério esquerdo. Os pesquisadores acreditam que essa via dorsal corresponde anatomicamente ao fascículo longitudinal superior (FLS), uma rota importante de feixes de matéria branca que ligam as estruturas localizadas na região anterior (motora) e posterior (sensorial) do cérebro. Os feixes de matéria branca atuam como cabos elétricos, transmitindo impulsos nervosos de uma parte do cérebro a outra. Se a integridade desses feixes for comprometida, a troca rápida de informações que precisa ocorrer entre as diferentes áreas do cérebro que dão suporte à fala fluente ficará igualmente comprometida.

As pessoas que gaguejam apresentam um atraso no desenvolvimento da fala, além de uma pontuação mais baixa que as pessoas fluentes nos testes de inteligência, os gogos geralmente enfrentam dificuldades na ambientação escolar, o que pode resultar numa defasagem de vários meses, atraso ou descoordenação em padrões articulatórios complexos.

## 2. METODOLOGIA E ANÁLISE

### 2.1 PROBLEMÁTICA

A criança Ashley Samara da Silva Cunha, nascida em 02 de Agosto de 2006. Cursa o 3º ano do ensino fundamental, estuda desde 2011 em escola no município de Caldas Brandão, situada a 50 km da capital da Paraíba. Foi notado o distúrbio na menina desde suas primeiras palavras, pelos seus familiares. De início pensou-se que se tratava de gagueira, no entanto foi logo observado que ela só não pronunciava os fonemas “k” e “g”.

Quando a criança completou dois anos e sua fala não melhorava, sua mãe procurou o auxílio de sua professora de linguística da faculdade que cursava, sendo aconselhada a aguardar a menina completar cinco anos de idade para leva-la ao fonoaudiólogo, assim a mãe fez. Três anos depois a voz da menina não havia mudado, o eu fez a genitora pedir auxílio da fonoaudióloga, a qual passou uma série de exercícios para serem feitos com a criança. Tais como: imitar o rugido do leão, colocar leite na boca da menina e pedir que ela tirasse com a língua, fazer gargalhadas com o fonema [k] (atividade que a criança não conseguia fazer, uma vez que a mesma não produz o som de tal fonema), entre outras atividades. Mesmo depois dos exercícios a fala continua sem a pronúncia do g ou k.

Logo no primeiro ano escolar a aluna demonstrou que sua dificuldade na fala não se estendia para aprendizagem, pois neste mesmo ano a criança aprendeu a ler suas primeiras palavras. Na passagem do pré-I para o pré-II a direção, junto com sua professora, resolveram classificar a aluna para o 1º ano, uma vez que ela estava com o grau de aprendizagem maior que seus colegas e acompanhava uma sala mais avançada. O demonstra que o distúrbio apresentado pela aluna não interfere na sua aprendizagem ou em suas relações familiares ou sociais, pois a mesma é muito comunicativa, o que indica que tal dificuldade de fala não diminui a autoestima dela.

A criança, cuja fala observamos, não produz os sons dos fonemas oclusivos velares, tanto a desvozeada [k] quanto a vozeada [g], fonemas no qual o fluxo de ar encontra uma interrupção total, seja pelo fechamento dos lábios, seja pela pressão da língua sob a arcada dentária ou sob o palato duro. Por serem oclusivas velares tratasse do estreitamento da cavidade bucal entre o dorso da língua e o véu palatino. Contudo observa-se que a criança produz os sons de outros fonemas oclusivos [p], [t], [d], e [b] e o velar [x], o que pode indicar que ela apresenta dificuldade em articular a língua para tocar o véu palatino e obstruir

passagem do ar ao mesmo tempo. Outro fato que podemos notar na fala da mesma é o fato de não substituir o fonema por outro o que, como foi exposto anteriormente, seria o natural, em vez disso ela deixa algo parecido com uma pausa no espaço onde o fonema ocuparia.

*/ 'a.zɐ/ em vez de casa / k 'a.zɐ /*

*/ 'a.tu / em vez de /g 'a.tu/*

*/mɐ. 'a.u/ em vez de / mɐ.k 'a.ku/*

*/ 'ɐj.ʒu/ em vez de / k 'ɐj.ʒu/*

*/ 'i.lu/ em vez de /k 'i.lu/*

Outra observação a ser feita está no fato de que ela produz o fonema [k] em encontro consonantal com o tepe [r] e a pronúncia do fonema [g] em situação similar.

**Grande**

**Cravo**

A não pronúncia do [k] e [g] em dígrafos é notado.

*/w 'ẽ.du/ em vez de /kw 'ẽ.du/*

*/w 'ar.dɐ/ em vez de /gw 'ar.dɐ/*

## 2.2. QUESTIONÁRIOS

Para melhor fazer aporte entre o distúrbio apresentado pela aluna e sua interferência na aprendizagem da mesma, foram feitas treze questões para suas professoras sobre seu desempenho em sala de aula, assim como sobre seu relacionamento com os colegas. Foram entrevistadas três professoras Joseane (1ºano, cursado em 2012), Josinete (2º ano, cursado em 2013) e Sônia (3º ano, ano que a menina cursa), chamadas a partir desse ponto de P1, P2 e P3, respectivamente.

Na primeira questão foi perguntado se as professoras conheciam algum distúrbio da fala apresentado por crianças em fase de alfabetização; Em resposta p1 afirmou o conhecimento sobre distúrbios da fala, mas não exemplificou; p2 também afirmou apresentado apenas troca de letras por parte dos alunos, p3 respondeu sim e apresentou gagueira e dislalia como distúrbios de seu conhecimento.

Nas Questões seguintes foi indagado se perceberam algum distúrbio na fala da aluna participante da pesquisa e qual seria esse distúrbio, todas as professoras afirmaram que perceberam o distúrbio na fala da aluna, que perceberam desde os primeiros momentos em sala de aula. P1 descreveu o distúrbio da aluna como algum tipo de gagueira, P2 disse que a aluna demonstra um pouco de gagueira, aparenta ser fanha (A voz anasalada tem como causa mais comum uma sequela de malformação do palato, a fissura palatina, que muitas vezes é acompanhada da malformação no lábio, a fissura labial, conhecida como lábio leporino, também conhecida como voz anasalada, porém outro caso acontece quando a criança está resfriada, o que gera a obstrução da cavidade nasal, nesse caso a voz é chamada de denasal) e troca de algumas letras, por outro lado P3 afirmou que a aluna apresenta troca de letras e problemas na dicção das palavras, sugerindo que o problema seja dislalia.

Em seguida perguntou-se quando os professores perceberam o distúrbio da aluna e como reconheceram o tipo de distúrbio, em seguida que o descrevessem. As professoras afirmaram que perceberam o distúrbio desde os primeiros momentos da aluna em sala de aula, a partir da observação de se sua fala nos momentos de interação com os colegas e nos momento de leitura da aluna. P1 descreveu o distúrbio apenas como dificuldade de pronuncia de determinadas letras, P2 não o descreveu e P3 afirmou que pesquisou no laboratório da escola para ter certeza se era realmente dislalia, acrescentando que percebeu características similares a dislalia presentes no distúrbio da aluna.

Como relação ao desempenho da aluna em sala de aula, foi perguntado como é o desempenho da aluna em sala e se ela possui alguma dificuldade na aprendizagem, indagado se as professoras acham que o distúrbio que ela apresenta é responsável pela dificuldade de aprendizagem; P1 disse que a aluna apresentou um bom desempenho em sala de aula com relação à leitura, tendo bom comportamento e socialização com os colegas, não apresentando nenhum tipo de dificuldade de aprendizagem. P2 afirmou que a aluna apresenta bom desempenho em sala, mas apresenta uma dificuldade na leitura, dizendo que o distúrbio dificulta a leitura por parte da aluna. Esse fato nos deixa com uma indagação, o distúrbio apresentado pela aluna participante da pesquisa dificulta a leitura da aluna ou a percepção por parte do receptor da mensagem no momento da leitura? P3 afirmou que a aluna não apresenta nenhuma dificuldade na aprendizagem, portanto o distúrbio não interfere no processo de aquisição da linguagem por parte da aluna.

No que se refere ao relacionamento entre a aluna e seus colegas, P1 e P3 afirmam que a mesma tem ótima relação com os colegas, não observam indiferença, exclusão ou comentários por parte dos colegas com relação ao distúrbio. Em oposição P2 apresenta que o relacionamento com os colegas foi bom, mas poderia ter sido melhor, uma vez que os colegas às vezes riam da voz da aluna.

Nas questões referentes às ações realizadas por parte das professoras, P1 afirmou que realizou dinâmicas para explorar a dicção de determinadas palavras que a aluna demonstrou dificuldade e cantigas de roda para explorar a fala, P2 fez reeducação do vocábulo que inclui o desenvolvimento da compreensão fonética e da expressão da linguagem e P3 não realizou nenhuma ação, pois a aluna não apresenta nenhuma dificuldade de aprendizagem.

Sobre a graduação das professoras perguntamos se em sua graduação elas foram preparadas para trabalhar com crianças com algum tipo de distúrbio de ordem fonológica, P1 e P3 afirmaram que não foram preparadas na graduação para atender crianças com esse tipo de dificuldade, apenas P2 afirmou ter sido preparada para atender alunos com esse tipo de dificuldade.

Sobre as intervenções do município para ajudar alunos com dificuldades especiais, apenas P2 afirmou que no município não dispõe desse tipo de apoio, P1 disse que o município conta com a ação social e o NASF (Núcleo de apoio à saúde a família), P3 afirmou que o município disponibiliza profissionais para apoio, os quais fazem visita às escolas.

Mediante a observação das respostas às questões apresentadas, podemos chegar à conclusão de que a falta de preparação por parte das autoridades para os professores, dificulta

as ações a serem realizadas para atender crianças com distúrbios, pois os mesmos não têm autonomia para descobrir quais as reais dificuldades apresentadas por seus alunos e, dessa forma, planejar ações que os ajudem. Através da leitura das respostas das professoras observamos que algumas, por não ter conhecimento na área, confundiram a dislalia com a gagueira, o que não é muito raro acontecer. Por vezes alguns distúrbios são diagnosticados de forma errônea o que gera tratamento errado.

### **2.3. DISTÚRBIOS FONOLÓGICOS E APRENDIZAGEM.**

Dificuldade em memorizar, identificar palavras faladas em lugares com barulho ou em recuperar a representação fonética de palavras, são manifestações que crianças com distúrbios fonológicos podem apresentar. Essas dificuldades afetam gravemente a leitura e a linguagem oral do indivíduo.

A consciência fonológica é uma capacidade cognitiva que se desenvolve de acordo com a compreensão da linguagem oral, conforme defende Snowling (1995). A correlação entre a habilidade fonológica e a aprendizagem da leitura é de alta significância para o escolar iniciante, pois se a representação fonológica não se encontra assimilada, podem ocorrer dificuldades com a aprendizagem da leitura.

O processo de decodificação fonológica contribui para que a criança forme a representação ortográfica da nova palavra, permitindo que essa nova palavra seja lida pela rota lexical. Portanto, é o processo fonológico que permitirá à criança, posteriormente, realizar leitura pela rota lexical, ou seja, leitura com significado.

Sisto (2002) referiu que os problemas relacionados à comunicação, como problemas de atenção, memória, raciocínio, coordenação, adaptação social e problemas emocionais podem ocasionar a chamada dificuldade de aprendizagem. Entretanto ressalta que esta terminologia engloba um grupo heterogêneo de transtornos, manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades de leitura, soletração, cálculo, em crianças com inteligência potencialmente normal ou superior, sem deficiências sensoriais, motoras ou cognitivas e desvantagens culturais.

Transtorno fonológico é quando a criança apresenta dificuldade quanto à aquisição dos sons da fala, não superada dentro do caráter evolutivo, que segundo o DSM-IV-TR (2002) é definido como um fracasso no uso de sons da fala esperado para o estágio do desenvolvimento, próprio da idade e do dialeto do indivíduo. Isso pode envolver erros na produção, uso, representação ou organização dos fonemas, tais como substituições de um som por outro ou omissões de sons; as dificuldades na produção dos sons da fala interferem no desempenho escolar ou profissional ou na comunidade social. O Transtorno Fonológico inclui erros de produção fonológica, que envolvem o fracasso em formar corretamente os sons da fala e problemas fonológicos de base cognitiva que envolve um déficit na categorização linguística dos sons.

Desta forma, habilidades fonológicas também são necessárias para leitura e escrita, na medida em que a consciência fonológica será um aspecto a ser integrado no reconhecimento de palavras. A linguagem escrita deve ser considerada um sistema de representação de língua, cuja aprendizagem significa a apropriação de um novo objeto de conhecimento. É necessário o entendimento de que a estrutura do sistema alfabético do português não significa que a escrita deste sistema seja a representação gráfica dos seus sons, mas, sim, que a percepção dos sons durante a produção da linguagem oral influencia diretamente o desenvolvimento da escrita (Capellini & Oliveira, 2003).

As crianças com distúrbios de linguagem apresentam em seu desenvolvimento déficits em suas habilidades linguísticas, necessitando de estímulo especial. A imaturidade fonológica é o primeiro sinal de que o desenvolvimento da linguagem da criança apresenta alterações, merecendo, portanto, a atenção de profissionais da área da educação para possíveis dificuldades na aprendizagem escolar. O transtorno fonológico merece atenção quando presente na fase escolar, pois evidencia alterações no sistema fonológico que podem envolver tanto a produção do som como a percepção da fala como ainda a organização e compreensão das regras fonológicas.

Para que não haja prejuízos para o seu desenvolvimento global, tanto a nível cognitivo como afetivo, o aspecto socioambiental, representado pela família e escola, é de vital importância para a aprendizagem. É na família que a criança adquire suas primeiras conquistas intelectuais e afetivas, determinantes na estruturação de seu modelo de aprendizagem, o qual irá utilizar para a conquista do conhecimento.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fala humana é a principal característica que distingue o homem dos demais animais. É através dela que podemos nos relacionar com os demais participantes de nosso meio social, mostrar nossas intenções e características pessoais. Nossa voz carrega traços de nossa personalidade e nosso estado psicológico. Quanto ao processo de produção da voz, a mesma pode ocorrer de forma harmoniosa ou com falhas. Tais falhas representam uma descaracterização do falante, é o que acontece quando o mesmo apresenta algum tipo de disfonia. A voz expressa saúde, cultura, regionalidade e até mesmo a autoestima do falante. Através dela é possível identificar o estado emocional do indivíduo. Dessa forma, o ser humano tende a adaptar sua voz aos ambientes comunicativos. As pessoas falam por ter alguém pra ouvir ou por ter algo a falar.

Quando essa disfonia ocorre no período de aquisição da linguagem ela pode ocasionar consequências para esse processo. Qualquer distúrbio fonológico prejudica a capacidade do indivíduo se comunicar, enfrentando dificuldades na ambientação escolar, o que pode resultar numa defasagem de vários meses, atraso ou descoordenação em padrões articulatórios complexos. Essas dificuldades afetam gravemente a leitura e a linguagem oral do indivíduo.

A habilidade fonológica e a aprendizagem da leitura estão relacionadas à aquisição da linguagem das crianças. Os distúrbios podem gerar os problemas relacionados à comunicação, como problemas de atenção, memória, raciocínio, coordenação, adaptação social e problemas emocionais, os quais podem ocasionar a chamada dificuldade de aprendizagem, a criança apresenta dificuldade quanto à aquisição dos sons da fala, isso pode envolver erros na produção, uso, representação ou organização dos fonemas, tais como substituições de um som por outro ou omissões de sons; as dificuldades na produção dos sons da fala interferem no desempenho escolar ou profissional ou na comunidade social. As crianças com distúrbios de linguagem apresentam em seu desenvolvimento déficits em suas habilidades linguísticas, necessitando de estímulo especial.

Todos os seres humanos enfrentaram tais dificuldades e limitações em algum momento durante os primeiros anos de sua aquisição da linguagem, as quais resultam das dificuldades de articulação e percepção do ser humano. Essas dificuldades podem ser superadas pela criança à medida que ela vai se aprimorando da linguagem. Esses processos são operações mentais e motivadas por diversos fatores, mas principalmente características físicas da fala.

Essa dificuldade pode ser considerada normal desde que não ultrapasse os quatro anos de idade, se isso ocorrer deve-se procurar ajuda especializada.

Fazendo referência ao caso estudado podemos observar que a criança apresenta características da dislalia em sua fala, a não pronuncia dos fonemas k e g, o que apesar de ser notável sua dificuldade de fala não interfere em sua comunicação em seu ambiente escolar e familiar, o que nos faz acreditar que, dependendo do seu nível, alguns distúrbios não necessariamente interfiram na aprendizagem de seus portadores, uma vez que a aluna de nosso caso não possui nenhum tipo de dificuldade e aprendizagem, contudo em alguns casos ocorre a dificuldade de percepção da fala por parte dos ouvintes de sua fala.

#### 4. REFERÊNCIAS

- American Speech Language Hearing Association (2003). **Language-based learning disabilities**. Disponível em <http://www.asha.org/public/speech/disorders/Language-Based-Learning-disabilities.htm>
- BAENA, Ademir Garcia, **Tipos de manifestações vocais nas disfonias psicogênicas**. Curitiba. disponível em <http://www.cefac.br/library/teses/4a9e509004943f2442514c178424779d.pdf>
- BEHLAU, M. **Voz: o livro do especialista**. vol 2. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- BEHLAU, M. & PONTES, P. **Avaliação e tratamento das disfonias**. São Paulo: Editora Lovise, 1996.
- BEHLAU, M. & PONTES, P. **O fazer atual da Linguística Aplicada no Brasil: foco no ensino de línguas**. In KLEIMAN, A. B. & CAVALCANTI, M. C. “Linguística Aplicada: Suas Faces e Interfaces”. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- BOBER E. **Development dyslexia: a diagnostic approach base on three atypical reading-spelling patterns**. Dev. Med. Child. Neurol, 1973.
- CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica - Introdução à teoria e à prática com Especial destaque para o modelo fonêmico**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- CAPELLINI, S.A, & OLIVEIRA, K.T. (2003). **Problemas de Aprendizagem relacionados às alterações de linguagem**. Em: S.M. Ciasca (org.) **Distúrbios de Aprendizagem: Proposta de Avaliação Interdisciplinar**. (p.113-140). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- CAPOVILLA, A.G.S. **compreendendo a dislexia: definição, avaliação e intervenção**. Cadernos de psicologia. 2002
- CHANG, S. E. **Desvendando os Mistérios da Gagueira Através da Neuroimagem**; disponível em <http://www.gagueira.org.br/arquivos/a-nova-ciencia-da-gagueira-artigo-revista-cerebrum.pdf> acesso em...
- DSM-IV-TR (2002). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. (4ª ed.). Trad. Cláudia Dornelles. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FROTA, Flávio Loiola. **distúrbios na aprendizagem: fala, leitura e escrita**. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/disturbios-na-aprendizagem-fala-leitura-e-escrita/100663/>
- FUCCI Amato, R.C. **Manual de saúde vocal: teoria e prática da voz falada para professores e comunicadores**. São Paulo: Atlas. 2010.
- HORA, Demerval da. **Fonética e fonologia**. Disponível em [http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wpcontent/uploads/2009/07/Fonetica\\_e\\_Fonologia.pdf](http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wpcontent/uploads/2009/07/Fonetica_e_Fonologia.pdf). Acessado em 03 de Abril 2014.
- INGRAM, D. (1976). **Phonological disability in children**. London: Edwards Arnold.
- MALUF, M.R.; BARRERA, S.D. (1997). **Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 10, 125-145.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 2 Ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- SISTO, F.F. (2002). **Dificuldade de aprendizagem em escrita; um instrumento de avaliação (Adape)**. Em. Sisto, F.F.; Boruchovitch, E.; Fini, L.D.T.; Brenelli, R.P.; Martinelli, S.C. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. (p. 19-214) Petropolis: Vozes, 2002.
- SNOWLING, M. J. (1995). **Phonological processing and developmental dyslexia**. Journal of Research Reading , 18,132-138.
- SHAYWITZ. **Entendo a dislexia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

- WAJNTRAUB, Simon . **dislalia (troca de letras)**, 2013. disponível em <[HTTP://www.boasfalas.com.br/dislalia-troca-de-letras/index.htm](http://www.boasfalas.com.br/dislalia-troca-de-letras/index.htm)>
- WEED WOOD, Barbara. **Historia concisa da linguística**. São Paulo- parábola, 2002.
- WERTZNER, H.F. (1995). **Estudo da aquisição do sistema fonológico: o uso de processos fonológicos em crianças de três a sete anos**. Pró-Fono Revista de Atualização Científica, 7, 21-26.
- WERTZNER. H. F.; CONSORTI. T. **Processos fonológicos detectados em crianças de sete a oito anos**. 21-36. Pró-Fono Revista de Atualização Científica. Barueri (SP) v. 16. N. 3. set-dez. 2004.
- YAVAS, M.; HERNANDORENA, C.L.M.; & LAMPRECHT, R.R. (1991). **Avaliação fonológica da criança: reeducação e terapia**. Porto Alegre: Artes Médicas.

## Anexos



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INTERFACE TEÓRICO-PRÁTICA  
PARA O ENSINO DA LÍNGUA E LINGUÍSTICA

**Questionário 1(para o professor)**

1. Você conhece algum distúrbio da fala apresentado por crianças em fase de alfabetização?
2. Você percebe algum distúrbio de fala na aluna participante da pesquisa?
3. Se a resposta à questão tiver sido sim, responda qual seria tal distúrbio?
4. Quando você percebeu o distúrbio da aluna?
5. Como você reconheceu o tipo de distúrbio? Como você o descreveria?
6. Como é o desempenho da aluna em sala de aula?
7. A aluna tem alguma dificuldade na aprendizagem?
8. Se a resposta anterior for sim: Qual seria a dificuldade apresentada pela aluna? Você acha que o distúrbio que ela apresenta é responsável pela dificuldade de aprendizagem?
9. Como é o relacionamento da aluna com a turma? Você considera que o distúrbio interfere na interação com o grupo?

10. Você realizou alguma ação de intervenção para ajudar a aluna em sua sala de aula?
11. Se a resposta à questão anterior tiver sido sim, responda quais foram as ações?
12. Em sua graduação você foi preparado (a) para trabalhar com crianças com algum tipo de distúrbio de ordem fonológica? Se sim, quais?
13. A escola que a aluna frequenta possui alguma ação educativa para atender crianças com algum distúrbio, seja ele fonológico ou não? Se sim; Qual?

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Nome da Pesquisa:** Distúrbios fonológicos: interferem ou não no aprendizado da Língua Portuguesa?

**Pesquisadores responsáveis:**

Orientadora: Marta Furtado da Costa  
Orientanda: Alcione Vieira da Silva

**Objetivo da pesquisa:**

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os distúrbios que acometem a fala, assim como as possíveis influências ou interferências que os mesmos podem ocasionar na aprendizagem da língua portuguesa por parte dos indivíduos na fase de aquisição da linguagem.

Eu, Joseane Dias Oliveira de Paiva, portador de RG: 3864194, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, concordo em participar da pesquisa, pois estou ciente de que terei de acordo com a Resolução 196/96 Capitulo IV inciso IV, todos os meus direitos abaixo relacionados:

- ✓ A garantia de receber todos os esclarecimentos sobre as perguntas do questionário antes e durante o transcurso da pesquisa, podendo afastar-me em qualquer momento se assim o desejar, bem como está assegurado o absoluto sigilo das informações obtidas.
- ✓ A segurança plena de que não serei identificada mantendo o caráter oficial da informação, assim como, está assegurada que a pesquisa não acarretará nenhum prejuízo individual ou coletivo.
- ✓ A segurança de que não terei nenhum tipo de despesa material ou financeira durante o desenvolvimento da pesquisa, bem como, esta pesquisa não causará nenhum tipo de risco, dano físico ou mesmo constrangimento moral e ético ao entrevistado.
- ✓ A garantia de que toda e qualquer responsabilidade nas diferentes fases da pesquisa é dos pesquisadores, bem como, fica assegurado que poderá haver divulgação dos resultados finais em órgãos de divulgação científica em que a mesma seja aceita.
- ✓ A garantia de que todo o material resultante será utilizado exclusivamente para a construção da pesquisa e ficará sob a guarda dos pesquisadores, podendo ser requisitado pelo entrevistado em qualquer momento.

Tenho ciência do exposto acima e desejo participar da pesquisa.

Joseane Dias Oliveira de Paiva  
Assinatura do entrevistado

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Nome da Pesquisa:** Distúrbios fonológicos: interferem ou não no aprendizado da Língua Portuguesa?

**Pesquisadores responsáveis:**

Orientadora: Marta Furtado da Costa  
Orientanda: Alcione Vieira da Silva

**Objetivo da pesquisa:**

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os distúrbios que acometem a fala, assim como as possíveis influências ou interferências que os mesmos podem ocasionar na aprendizagem da língua portuguesa por parte dos indivíduos na fase de aquisição da linguagem.

Eu, JOSINETE LIMA DE OLIVEIRA,  
portador de RG: \_\_\_\_\_, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, concordo em participar da pesquisa, pois estou ciente de que terei de acordo com a Resolução 196/96 Capitulo IV inciso IV. I todos os meus direitos abaixo relacionados:

- ✓ A garantia de receber todos os esclarecimentos sobre as perguntas do questionário antes e durante o transcurso da pesquisa, podendo afastar-me em qualquer momento se assim o desejar, bem como está assegurado o absoluto sigilo das informações obtidas.
- ✓ A segurança plena de que não serei identificada mantendo o caráter oficial da informação, assim como, está assegurada que a pesquisa não acarretará nenhum prejuízo individual ou coletivo.
- ✓ A segurança de que não terei nenhum tipo de despesa material ou financeira durante o desenvolvimento da pesquisa, bem como, esta pesquisa não causará nenhum tipo de risco, dano físico ou mesmo constrangimento moral e ético ao entrevistado.
- ✓ A garantia de que toda e qualquer responsabilidade nas diferentes fases da pesquisa é dos pesquisadores, bem como, fica assegurado que poderá haver divulgação dos resultados finais em órgãos de divulgação científica em que a mesma seja aceita.
- ✓ A garantia de que todo o material resultante será utilizado exclusivamente para a construção da pesquisa e ficará sob a guarda dos pesquisadores, podendo ser requisitado pelo entrevistado em qualquer momento.

Tenho ciência do exposto acima e desejo participar da pesquisa.

Josinete Lima de Oliveira

Assinatura do entrevistado

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Nome da Pesquisa:** Distúrbios fonológicos: interferem ou não no aprendizado da Língua Portuguesa?

**Pesquisadores responsáveis:**

Orientadora: Marta Furtado da Costa  
Orientanda: Alcione Vieira da Silva

**Objetivo da pesquisa:**

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os distúrbios que acometem a fala, assim como as possíveis influências ou interferências que os mesmos podem ocasionar na aprendizagem da língua portuguesa por parte dos indivíduos na fase de aquisição da linguagem.

Eu, Sônia Maria Carnealho de Oliveira, portador de RG: 1.366.487, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, concordo em participar da pesquisa, pois estou ciente de que terei de acordo com a Resolução 196/96 Capô IV inciso IV. I todos os meus direitos abaixo relacionados:

- ✓ A garantia de receber todos os esclarecimentos sobre as perguntas do questionário antes e durante o transcurso da pesquisa, podendo afastar-me em qualquer momento se assim o desejar, bem como está assegurado o absoluto sigilo das informações obtidas.
- ✓ A segurança plena de que não serei identificada mantendo o caráter oficial da informação, assim como, está assegurada que a pesquisa não acarretará nenhum prejuízo individual ou coletivo.
- ✓ A segurança de que não terei nenhum tipo de despesa material ou financeira durante o desenvolvimento da pesquisa, bem como, esta pesquisa não causará nenhum tipo de risco, dano físico ou mesmo constrangimento moral e ético ao entrevistado.
- ✓ A garantia de que toda e qualquer responsabilidade nas diferentes fases da pesquisa é dos pesquisadores, bem como, fica assegurada que poderá haver divulgação dos resultados finais em órgãos de divulgação científica em que a mesma seja aceita.
- ✓ A garantia de que todo o material resultante será utilizado exclusivamente para a construção da pesquisa e ficará sob a guarda dos pesquisadores, podendo ser requisitado pelo entrevistado em qualquer momento.

Tenho ciência do exposto acima e desejo participar da pesquisa.

Sônia Maria Carnealho de Oliveira  
Assinatura do entrevistado

## Respostas

- ① Sim. Não de trocar as letras.
- ② Sim
- ③ Ela demonstra um pouco de gagueira, ser fanha (fanhosa) e troca as letras. Então a aluna apresenta problema na fono.
- ④ Desde o início quando ela começou a estudar português.
- ⑤ No momento da leitura.  
Gagueira e fanha (fanhosa).
- ⑥ Bem
- ⑦ Sim
- ⑧ Na hora da leitura.  
Sim. Porque o problema da fala dificulta a sua leitura.
- ⑨ Bem. Sim, poderia ser melhor mas com o distúrbio que ela apresenta alguns colegas riem dela.
- ⑩ Sim
- ⑪ Reeducação do vocabulário que inclui o desenvolvimento da compreensão fonética e da expressão da linguagem.
- ⑫ Sim  
Problema da linguagem, que resulta numa reeducação da fala.
- ⑬ Não. Porque não houve capacitação para atender crianças especiais, mas, sim porque na Pedagogia houve noções básicas de atendimento a crianças especiais.

## RESPOSTAS

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PADRE JOSÉ MARIA MESQUITA  
PROFESSORA – SÔNIA MARIA CARVALHO DE OLIVEIRA  
Professora do 3º ano do ensino Fundamental I

01 - Hoje em dia, diante da clientela que é inserida em nossas escolas, é comum que apareçam crianças com vários problemas ou algum tipo de distúrbio, os mais apresentados são:

- Gagueira;
- Dislalia.

02 - sim

03 – a princípio notei que a aluna, tinha um probleminha em trocar algumas letras e também na ditação das palavras, fui pesquisar para entender melhor e vi que isso aparentava muito com a Dislalia.

04 – logo no primeiro dia de aula, assim que a aluna foi si apresentar para os colegas de turma e também cheguei à confirmação, assim que ela foi fazer algumas leituras complementares.

05 – diante do problema que eu percebi assim que ela estava lendo para os colegas, fui me indagando sobre esse problema, e fui pesquisar um pouco no laboratório da escola, daí, cheguei a esse distúrbio, não tenho certeza si é esse mesmo, pois não tenho conhecimento amplo na área, mas que tivera várias características similares teve sim.

06 – ela tem um bom rendimento em sala de aula, sempre fazendo direito todos os exercícios e também é muito sociável perante os demais alunos.

07 – não

08 - - -----XXXXXXXXXXXXXXXX-----XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

09 – Ela tem um bom relacionamento com os demais alunos, não percebo nenhuma indiferença com as demais crianças e também, eles não comentam nem a excluem de nenhuma atividade por conta deste problema.

10 – não, ela não apresentou nenhum problema de aprendizagem mediante a esse dificuldade apresentada.

11 – XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX-----XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

12 – não

13 – Bem, o município dispõe de profissionais que fazem esse tipo de trabalho, mediante a visita deles no nosso estabelecimento de ensino.

- ①. sim
- ②. sim
- ③. A aluna da pesquisa apresenta uma dificuldade na fala ou seja um tipo de gagueira.
- ④. Nos primeiros momentos em sala de aula.
- ⑤. No momento da pronúncia de determinadas palavras. Ex: uso de "c", "h" e "p".
- ⑥. Foi uma aluna que obtive um bom desempenho em relação a leitura, comportamento e socialização.
- ⑦. Não
- ⑧. Não, pois ela não apresenta dificuldade.
- ⑨. Normal, não
- ⑩. sim
- ⑪. Dinâmica, exploração da dicção de determinadas palavras que demonstrava ter dificuldades.  
- Partilhas de roda para explorar a fala.
- ⑫. Não
- ⑬. sim, Ação Social / NAF (Psicóloga)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INTERFACE TEÓRICO-PRÁTICA  
PARA O ENSINO DA LÍNGUA E LINGUÍSTICA

**Diário de observação**

A criança Ashley Samara da Silva Cunha, nascida em 02 de Agosto de 2006. Cursa o 3º ano do ensino fundamental, estuda desde 2011. Foi notado o distúrbio na menina desde suas primeiras palavras. De início pensou-se que se tratava de gagueira, no entanto foi logo observado que ela só não pronunciava os fonemas “k” e “g”. ou seja em asa em vez de casa, ato em vez de gato.

Logo no primeiro ano escolar a aluna demonstrou que sua dificuldade na fala não se estendia para aprendizagem, pois neste mesmo ano a criança aprendeu a ler suas primeiras palavras.

Na passagem do pré-I para o pré-II a direção, junto com sua professora, resolveram classificar a aluna para o ano seguinte, uma vez que ela estava com o grau de aprendizagem maior que seus colegas e acompanhava uma sala mais avançada.

Quando a criança completou dois anos e sua fala não melhorava, sua mãe procurou o auxílio de sua professora de linguística da faculdade que cursava, sendo aconselhada a aguardar a menina completar cinco anos de idade para leva-la ao fonoaudiólogo, assim a mãe fez. Três anos depois a voz da menina não havia mudado, o eu fez a genitora pedir auxílio da fonoaudióloga, a qual passou uma serie de exercícios para serem feitos com a criança. Mesmo depois dos exercícios a fala continua sem a pronuncia do g ou k.

Pode-se observar que o distúrbio apresentado pela aluna não interfere na sua aprendizagem ou em suas relações familiares ou sociais, pois a mesma é muito comunicativa, o que demonstra que tal dificuldade de fala não diminui a autoestima dela.